

O que valem as «Informações»?

Carlos R.Lima 04-02-2004 08:00

Especialistas comentam trabalho dos serviços secretos americanos e ingleses sobre o Iraque

O que valem as informações dos «serviços secretos»? Deverão ser estas a única base para uma decisão política em iniciar uma guerra? Estas são algumas questões que vão dominar a agenda política nos Estados Unidos (EUA) e na Inglaterra, após o anúncio feito por George W. Bush e Tony Blair para a abertura de comissões de inquérito para avaliar o trabalho da *Intelligence* nos respectivos países, antes da guerra do Iraque.

Especialistas portugueses na área das «Informações», contactados pelo *PortugalDiário*, revelam por agora alguma prudência na análise aos casos. Para o general Chito Rodrigues (ex-director geral da Divisão de Informações - DINFO), «os Serviços de Informações devem funcionar de acordo com as prioridades e orientações do poder político».

No caso dos EUA e da decisão de invadir o Iraque, o general diz que a mesma pode ter sido tomada após se considerar que «determinadas informações eram as necessárias e suficientes».

O que não quer dizer que sejam objectivas. Até porque, a natureza das informações é especulativa. «Nenhum serviço de informações no mundo é infalível», acrescenta o general Rodolfo Begonha (que liderou a 2ª divisão de Informações do Exército, após o 25 de Abril de 1974). Ambos consideram que o que poderá estar em causa não é propriamente o trabalho dos respectivos serviços secretos, mas sim a «leitura» desse trabalho feita pelos decisores políticos.

Por sua vez, Pedro Simões, investigador universitário na Universidade Independente sobre questões de segurança interna e estratégia, refere que a última guerra no Iraque «já estava a ser planeada desde o tempo do Bush, pai». Para este investigador, será interessante acompanhar o desenrolar dos trabalhos das comissões de inquérito. Até porque, na sua opinião, há uma questão que se levanta: «Havia armas? Não encontramos. Podem ter sido escondidas. Mas encontraram o Saddam.»

Para Pedro Simões, a questão agora está em saber se os serviços de informação americanos e britânicos «se enganaram ou não, ou se se enganaram de propósito ou não».

Políticos «sacodem água do capote»

A forma como as comissões de inquérito estão a ser anunciadas levam Chito Rodrigues e Rodolfo Begonha a alinhar pelo mesmo discurso: como as armas não aparecem «atira-se a culpa para cima dos Serviços de Informações».

«Os Estados Unidos não tinham elementos sólidos» para justificar a guerra, diz Rodolfo Begonha. A apresentação das «provas» feita por Collin Powell no Conselho de Segurança da ONU foi «muito frágil», na opinião de Chito Rodrigues. Sobre os «camiões» que transportariam tais armas, Rodolfo Begonha ainda admite como possível que eles tenham sido escondidos ou enviados para países amigos. «Já as estruturas fixas que foram mostradas e não aparecem, isso é mais complicado em justificar».

No fundo, segundo Rodolfo Begonha, o «poder político» utilizou «um argumento de peso [as armas de destruição massiva]» e agora vê-se obrigado a «justificá-lo». Ainda com poucos dados conhecidos sobre o trabalho das agências de *Intelligence* americanas e britânicas, Chito Rodrigues acrescenta que as comissões de inquérito podem ajudar a perceber se o que constava nos relatórios eram «informações credíveis» ou simplesmente «aquilo que os políticos queriam ler».